

Pedrinho some e leva as pistas

O rapto de um bebê recém-nascido no Hospital Santa Lúcia, no dia 21 de janeiro de 1986, expôs numa vitrina intocável uma prática rentosa e em franca atuação em Brasília. O sequestro de Pedro Braule Pinto, o Pedrinho, não foi o primeiro nem o último, mas mostrou com maior clareza que o destino de muitas crianças brasileiras é o tráfico para famílias estrangeiras.

O crime — subtração de incapaz — caiu na lista dos insolúveis pelo longo tempo que já se passou. “A esperança é a última que morre, mas realmente é muito difícil descobrir algo agora”, admite o delegado Rosalvo de Oliveira, da Corregedoria da Polícia Civil, atual responsável pelo inquérito. “Todas as pistas que a polícia recebeu foram minuciosamente checadas e não deram em nada”, concluiu o policial.

Para Rosalvo, até mesmo as denúncias que vez ou outra chegam apontando suspeitos dificilmente elucidarão o rapto.

O rapto de Pedrinho, ocorrido 13 horas após o seu nascimento, foi marcado pela audácia da sequestradora e pela imperícia da polícia, que sequer coletou vestí-

gios datiloscópicos no apartamento 10 do Hospital Santa Lúcia. Bem vestida, com aproximadamente 30 anos, cabelos longos e lisos, a sequestradora identificou-se como assistente social do hospital e enganou a família, levando Pedrinho numa sacola de compras.

Nem a mãe, Maria Auxiliadora Rosalino Braule Pinto, nem a avó do bebê, Otalina Rosalino, levantaram qualquer suspeita sobre a mulher, que demonstrava interesse quanto ao estado de saúde do recém-nascido. A desconhecida não tinha pressa. Conversava, saía por alguns minutos do apartamento e voltava, como se estivesse preparando uma forma de sair do hospital sem ser notada.

Em determinado momento, a mulher disse que iria ser colhido material da parturiente para exames de laboratório e que em seguida Pedrinho seria levado também para uma bateria de testes. Para enganar a avó, que se encontrava no apartamento, à desconhecida disse que um buquê de flores para Lia (Maria Auxiliadora) tinha chegado naquele momento na portaria do hospital. A avó acreditou; a mãe também, e Pedrinho nunca mais seria visto.